



## **A Ilha da irresolução**

versão Henri Berger

tradução Eva Brás Kopcinski e Bernard Emery

Todos os anos, Filadelfo, o Grande Armador, reunia numerosos escritores na altura do solstício de verão. Com o maior cuidado e na maior discrição, escolhia sempre uma ilha. Esta não era conhecida dos participantes, que, descobrindo-a, viviam um momento de surpresa susceptível de estimular a sua criatividade. Obviamente, cada um dos escritores tinha a sua ilha residencial. Não escrevia fora dali, num outro estilo que não fosse o seu. Aquelas ilhas pessoais estavam povoadas de histórias espantosas e de reflexões inéditas, que só esperavam por se espalhar pelos continentes. A variedade das ilhas apresentava uma riqueza extraordinária, parecida com o número de grãos de areia que podemos encontrar numa praia. A comparação pode parecer despropositada e, para sermos mais precisos, isto é verdade. Aliás, será possível imaginarmos um livro de areia?

Existe uma ilha-lipógrama, situada no Mar Adriático : trata-se da ilha de Krk, muito apreciada de Prc, que regularmente fazia lá estadias, apenas o tempo de um sumiço. Nos antípodas de cada ilha lipógrama encontrava-se uma ilha epêntese, porque as letras perdidas num ponto haviam de reaparecer na extremidade oposta do diâmetro terrestre. Mas em que estado, após uma viagem ao centro da Terra? Uma vez atravessadas as altas temperaturas do fogo interior, as vogais ficam transformadas em consoantes e inversamente. O número mais pequeno de vogais, contrariava as permutas unívocas, complicava as idas e voltas. Então, incríveis algaravias ou estranhas confusões desenvolviam-se no mundo das letras. Sempre à espreita, os escritores eram os primeiros a regozijarem-se com esses acidentes de transcrição. Aproveitavam-se disso para explorar vocábulos novos e enriqueciam as respectivas ilhas, sem as abandonarem.

1

O decorrer da última assembleia foi notável, ao ponto de manter-se ainda hoje na memória dos presentes. Setenta escritores voluntários foram seleccionados para participar na aventura, e, entre eles, um escritor principiante, saído do sorteio e um perfeito desconhecido para os demais. Pensando neste número, nunca antes atingido, os escritores acalentavam a esperança secreta de voltarem a encontrar-se no dia seguinte, na ilha de Faros, defronte de Alexandria e de sua Grande Biblioteca. Já imaginavam



levar o nome famoso, o dos Setenta. Esta esperança parecia-lhes poder concretizar-se quando viram entrar na sala de partida do aeroporto, um vulto ajanotado, no qual os iniciados reconheceram Filadelfo. Após ter dado alguns passos largos, o homem já estava ao pé deles. Cumprimentou-os soltando um vibrante : «Sejam bem-vindos, meus amigos!». De estatura possante e voz portentosa, Filadelfo trajava uma sobrecasaca preta, que lhe descia até aos pés. Continuava a ser muito impressionante apesar de uma idade que todos calculavam ser avançada, mas que ninguém era capaz de avaliar com alguma precisão. O seu rosto, bronzeado depois de numerosos cruzeiros, só deixava aparecer poucas rugas. Parecia ter atravessado sem percalços dezenas de anos, séculos até, por trazer no seu olhar o reflexo de tantas reminiscências longínquas.

Sem que a aparência jovial se lhe apagasse do rosto, Filadelfo revelou-lhes:

– O seu destino é a Ilha da Irresolução nos antípodas da Ilha das Certezas, onde todas as ideias, as imagens, estão fechadas dentro de pequenas caixas, das quais elas nunca saem, e onde temos a garantia de encontrar o conformismo. Já sabem : nas letras a certeza não tem nenhum interesse.

Filadelfo tinha o entusiasmo contagiante e todos aderiram à escolha dele como a um axioma.

Embarcaram juntos no avião reservado só para eles, que saía de Paris no início da noite. Um lauta refeição foi-lhes servida por um pessoal de bordo atencioso, dando de beber a cada um deles bebidas deliciosas, euforizantes, e por fim soporíficas. Ao acordarem, contariam uns aos outros sonhos similares. : «No decorrer duma estadia numa ilha do Mar do Norte, um físico tivera a revelação das relações de incerteza que levavam o nome dele». Ou : «O matemático que evidenciara propostas indecidíveis na teoria dos conjuntos não habitará numa ilha? » «A ilha rumo à qual estamos a voar?»

Ninguém conseguiu avaliar a duração da viagem. O avião pousou cedinho de manhã, com muito bom tempo. O sol parecia emergir do horizonte e iluminava a névoa de uma luz opalina. Ainda ensonados, os escritores subiram para um autocarro de vidraças fumadas que não permitiam vislumbrar a paisagem. Todavia, adivinhava-se uma vegetação escassa e sentia-se que não devia estar muito calor lá fora. Não estavam



no Mediterrâneo e menos ainda na ilha de Faros! Não se avista nenhuma habitação. A estrada penetrou num vale estreito e o autocarro acabou por entrar num túnel. Parou num estacionamento-aquário, cujas paredes azuladas eram povoadas de peixes de cores garridas a desovar no meio das algas desmedidas.

O elevador permitia aceder ao rés-do-chão de uma construção cilíndrica de amplas dimensões. O jardim central era suficientemente grande para ser enfeitado com uma vegetação luxuriante, digna das ilhas do Oceano Pacífico, as quais encantaram mais de um pintor e inspiraram mais de um poeta. O emaranhado dos verdes abolia qualquer perspectiva, os ramos de palmeiras sonhadas, que ventilavam os faraós, ofereciam-se deliberadamente ao contacto dos corpos. Estremecimentos leves de água corrente mantinham um fundo sonoro apaziguador, perturbado de vez em quando pelo voo e pelos gritos esganiçados das periquitas multicores. O ambiente de uma doçura cheirosa parecia ser insuflado pelos alísios, mas os cachos de flores das buganvílias e das acácias rubras permaneciam imóveis nas sua exuberância escarlate. Uma imensa cúpula esférica, assente no cimo circular do edifício, garantia uma luz zenital. A mesma também punha o jardim ao abrigo de qualquer acaso climático, ainda mais tranquilizadora do que o céu dos trópicos, por vezes atravessado pelos ciclones.

A arquitectura que a moradia ostentava forçosamente suscitava a nossa admiração : Filadelfo quisera rivalizar com o mecenato do Renascimento para oferecer uma residência de escrita propícia a todos os prazeres da meditação. Sendo filho único, Filadelfo não tinha herdeiro. Empregava portanto a sua riqueza neste palácio, começado na altura das grandes expedições polares pelo avó paterno dele, que o chamava sua loucura. Foi construído a mil léguas de distância da civilização e não nos arredores de Paris, como as residências dos outros filhos da fortuna daquela época favorável aos fastos negócios. O antepassado estreara o título de nobreza de Grande Armador com que os seu pares o haviam distinguido, unânimes, em reconhecerem as suas qualidades de gestor e de aventureiro. O referido título tornou-se hereditário.

A fachada interior, cilindro de grande diâmetro, apresentava vários níveis. Percebia-se, ao observar a maneira de como a luz atravessava a espessura do edifício, que este podia ter divisões de grandes dimensões, mas também múltiplos corredores e escadas.



Astuciosamente sinuosos, estes sumiam perante o olhar quando se queria seguir por eles, davam a ilusão de subir sempre, enquanto desembocavam no mesmo ponto de partida após uma volta completa. O rés-do-chão dava para o jardim precedido por uma circunferência de colunas dóricas, por detrás das quais corria um passeio lajeado. As amplas janelas envidraçadas dos primeiro e segundo andares faziam entrar a luz do dia nos quartos, todos eles com vista directa sobre o jardim. Porém parecia que um certo número de janelas não passavam de pinturas de aparência enganosa. Do lado exterior, um corredor circular bastante largo para permitir deambularem nele quatro filósofos a par uns dos outros a argumentar, dava o acesso aos quartos. O mesmo corredor permitia seguir a trajectória do sol, que às vezes iluminava as falsas portas, daquelas que podemos ver nos templos budistas, e deixavam as verdadeiras na sombra. Uma hora mais tarde, o jogo de luz estava invertido e, não conseguindo encontrar a saída, deixava-se o olhar vagar no exterior, numa charneca agreste onde não crescia uma só árvore. Sem dúvida alguma, o paraíso ficava no espaço interior, mas era inapreensível.

Depois de conceder um prolongado momento de admiração e surpresa aos seus hóspedes, Filadelfo levou-os par o centro do jardim, onde se estendiam camilhas, parecidas com as espreguiçadeiras de luxo que se encontravam nos terraços dos palácios. O assento, o apoio para a cabeça e os reclinatórios eram revestidos de veludo encarnado, que condizia com os gigantescos ramos cobertos de flores vermelhas das canas-da-índia e das amarílis. O dono do lugar, orgulhoso da sua obra, prometeu organizar uma visita ao palácio, porque a gente podia perder-se facilmente neste labirinto. Depois, agradeceu aos participantes a confiança que lhe tinham feito :

— Esta nova edição será a última... então aproveitem a pechincha! Trata-se de ilustrar um problema diegético que fica por resolver. Alguns consideram-no insolúvel. O desafio é o seguinte : o escritor narrador que começa uma estória, utilizando o «eu», poderá mesmo manter este pronome pessoal sujeito até ao fim, sem passar ao «ele»? Vocês têm pela frente um longo dia para fazer uma bela colheita : as sementeiras realizam-se esta manhã, o espigamento ao meio-dia e a ceifa ao pôr-do sol. Dar-se-ão conta depressa que esta grande casa não abriga nenhuma biblioteca , esta vazia de livros. E não ponham isso na conta de uma qualquer intenção maligna da minha parte. A muita estima que vocês me inspiram afasta de mim a ideia de serem tentados pelo



plágio. Vocês próprios são a biblioteca viva deste lugar, vocês que trazem livros em gestação, cujas narrativas ainda nunca mancharam de tinta qualquer folha de papel. Portanto, toca a vocês criarem uma nova biblioteca! O primeiro texto que julgarem satisfatório será apresentado e avaliado por todos.

Um espírito engraçado, ou suposto como tal, perguntou :

— Caro Mestre, esta proposta de trabalho é promissora, mas qual será o prémio?

— Sossegue, meu caro amigo, não me esqueci dele.

Filadelfo virou-se para um bananal frondoso e chamou :

— Venha cá a recompensa!

Naquele instante, emergiu da ramaria frondosa, como num quadro de pintura de Douanier Rousseau, uma pantera preta levada à trela por um ser andrógino resplandecente, que ostentava com igual desembaraço as feições masculinas e femininas. As suas vestes inteiramente brancas eram amplas e tinham a requintada ambiguidade das túnicas orientais. Uma fieira cumprida de pequenos botões de madrepérola subia da planta da sua perna direita até ao ombro. Apenas os primeiros botões ficavam fora das respectivas casas e permitiam entrever os tornozelos de gazela. Os saracoteios musculosos da pantera e do andrógino eram sincronizados. O receio irreprimível da primeira exacerbava o poder atractivo do outro. Os sentimentos mais diversos percorreram a assembleia, confundindo-se todas as tendências sexuais. Uma concorrência multidireccional apareceu na busca da metade que lhe faltava desde a criação e da qual se ignora a verdadeira natureza. Cada qual descobria uma poderosa alavanca de inspiração, mais forte que as drogas já experimentadas, repetindo a fórmula mágica : «Ao pôr-do-sol hei-de conhecer a minha metade.»

Os escritores dispersaram rumo aos seus quartos numa confusão ruidosa de alunos da escola primária a subir para a sala de aula. Percorreram o corredor circular periférico constatando uma lenta subida do sol acima do horizonte. Convictos de que só tinham um dia pela frente atiraram-se ao trabalho desde que viram uma pilha de folhas brancas encima da secretária iluminada pela janela. Era impossível abri-la de lés-a-lés, mas podiam procurar na floresta tropical o fabuloso andrógino. Ao acharem-no tremiam mais à vista da pantera.



O espírito de competição de que se diz que existe intrínseco nos machos também tomava conta das mulheres, e nenhuma lhe escapou. Os escritor principiante não percebeu verdadeiramente o desafio, pois dizia de si para consigo «dentro de um século ou dois este palácio corre o risco de ficar votado ao abandono e apenas ficarão dele umas ruínas circulares». Nessas condições, tanto vale eu logo empregar «ele» para começar, mas impressionado pelos demais escritores veteranos, autores de vários livros traduzidos em numerosas línguas, sujeitou-se às instruções recebidas.

Nenhum deles pensara em tomar refeições às horas fixas, pois a inspiração, parceira inconstante, não aguentava distrações. Era preciso mantê-la constantemente acordada, mostrando-lhe que era a única a ser ouvida. É valorizando-a que a tornaríamos prolífica. Que gozo quando ela aparece generosa em troca dos nossos esforços. Assim, contentávamo-nos de lanches de canto de mesa, espaçozinho livre de folhas de papel cobertas de letra cerrada e de rasuras nervosas.

Os escritores acabaram por cair na sonolência e improvisaram sestas, até mesmo aqueles que não costumavam fazê-las. Atribuíram o seu cansaço à mudança dos fusos horários, à viagem aérea, ao ambiente indolente do jardim. Para desentorpecer as pernas e acordar, a maioria calcorreava o corredor circular e não achava o sol lá onde supunha que estivesse. Nunca muito alto no céu, mas sempre presente, o sol girava em volta do palácio com a única originalidade de variar a sua altura. Alguns, precavidos por natureza, tiravam as bússolas, mas as agulhas magnéticas não indicavam uma direcção precisa : quer ficavam imóveis, como mortas, quer se agitavam de maneira desordenada. Absorvidos pela condução da sua narrativa, os escritores não ficaram preocupados por não encontrarem o norte.

Todavia, o cansaço acabou por encovar-lhes as faces, pisar-lhes os olhos, e quando todos se viram num estado doentio, chegaram a uma conclusão surpreendente : o dia prolongava-se estranhamente! Deixaram de se sentir seguros de si, nem dos seus escritos com o «eu» triunfante dos começos e o «eu» inquieto das últimas páginas, ao ponto de começarem a duvidar da sua pertinência para achar o «ele» ou o «ela» no meio. Haviam de dar-se conta da evidência e partiram à procura de Filadelfo para que



este os tirasse deste atoleiro. Era ele o Grande Armador e o dono daquele lugar, ele tinha a sua parte de responsabilidade.

Mas era fácil Filadelfo dissimular-se naquele labirinto cilíndrico de três dimensões, ainda mais insondável que o Labirinto de Cnossos, pois o sol que passava o tempo a girar em volta não lhes permitia socorrerem-se dele como na Creta, onde ele desenha sombras nítidas e onde existem as horas do nascer e do pôr-do-sol bem definidas. A pantera negra não será uma anamorfose do Minotauro? Era isso o preço do tributo imposto ao humanos a fim de que eles inventassem os mitos? Para onde é que Filadelfo os tinha levado? Por que tinha frisado que esta reunião seria a última? Podia-se mesmo acreditar nele que se pretendia cretense e sabendo que todos os cretenses eram mentirosos?

Filadelfo surgiu lá onde menos se esperava por ele, no jardim. Com certeza subira num elevador escondido algures no meio de bambus gigantes. Ostentava um ar radioso e pediu que todos retomassem os seus lugares. De olhos inchados por um trabalho longo de mais, debruçados sobre a folha branca, os escritores deram mostras duma impaciência difícil de controlar. Filadelfo mandou então servir-lhes um filtro calmante de efeito instantâneo, antes de tomar a palavra :

— Meus caros amigos, vocês estão num lugar ideal para escrever, numa ilha do arquipélago do Svalbard, descoberta por um dos meus antepassados por volta de 1600 e que deu o seu nome ao Mar de Barents. Passei aqui as férias de verão durante a minha infância. Portanto, estão a compreender que este lugar me é querido. Lugar ideal para escrever, pois nos encontramos além do Círculo polar ártico : no verão, o sol não se põe. Nunca lhes faltou a luz, e, por conseguinte, lutar contra a sonolência era mais fácil. Estão também muito perto do Pólo Norte : a agulha magnética da bússola desorienta-se. Tanto mais que a ilha se situa sobre um anomalia magnética que lhe perturba os efeitos do campo.

— Aqui temos a explicação das nossas contrariedades, porém continuamos a não compreender em que medida este lugar ideal nos possa valer de alguma maneira para resolvermos o problema que nos foi submetido.



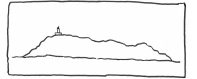
— Lugar ideal para escrever, com certeza, mas não com o « eu » ideal da primeira pessoa, que perdeu todas as suas referências, e que vocês, apesar das evidências, conservaram até ao fim. Avaliem vocês próprios o estado de cansaço em que se encontram : irreconhecíveis , com a tez macilenta, olhos vermelhos! Creio que vocês fracassaram. E a recompensa pertence-me por direito, vocês têm que o admitir. No entanto, hei-de confessar-lhes que tudo foi calculado de antemão, porque a recompensa será a minha única consolação no ermitério para o qual me vou retirar. Vocês tiveram a honra de viver o remate em apoteose do fogo-de-artifício do meu destino. Esgotei todos os meus recursos financeiros acumulados pelos meus avoengos, a fim de eu perceber no contacto consigo os arcanos da criação literária. Agora sei que esta esperança é vã e fico contente com isso a pensar nas gerações vindouras que nunca esgotarão o enigmático prazer da leitura.

O andrógino saiu das bananeiras soltando um rugido de pantera e veio colocar-se ao lado de Filadelfo, o qual deu mostras, pela primeira vez, de uma incontida emoção :

— Meu caros amigos, devo confessar-lhes que vivo mergulhado numa melancolia crónica. Não consigo envelhecer, encerrado no labirinto do tempo. Há mais de um século, descobri ruínas circulares nesta ilha. Os seus alicerces ciclópicos deram-me a ideia de construir sobre eles este palácio cilíndrico. O meu avô só reabilitava a obra da qual já eu nem me lembrava. Para desvendar o mistério da origem daquelas ruínas, convocou arqueólogos. Estes andavam à procura dos esqueletos humanos, porem sem nenhum resultado. Acharam, sim, esqueletos de aves, e mais especialmente os das periquitas. E muitas sementes provenientes das terras tropicais. Então, debateram entre eles hipóteses arrojadas, como a do deslizamento da ilha a partir do equador, por causa da separação dos continentes, ou por mor de uma súbita mudança da direcção do eixo de rotação da Terra, na sequência da colisão violenta com um cometa. Mas eu era o único a saber que este mistério seria revelado numa ficção escrita por um sonhador, ele mesmo sonhado por um outro.

Digo-lhes «Adeus» do fundo do coração. Não tentem reter-me, já não estou mais consigo. A partir de amanhã, quando tiverem saído daqui, eu ainda viajarei para curar a





minha melancolia. Darei a volta à minha ilha, ou a volta à Terra. Ele dará a volta seguinte.